



QUAIS HISTÓRIAS DAS JUVENTUDES CONTAM OS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2021?

João G. S. R. SÓ¹; Aline B. ALVES²; Mirelli G. TERRA³; Gabriel AMATO⁴

RESUMO

Este relato de pesquisa analisa como os livros didáticos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021 constroem uma historiografia sobre as juventudes, a partir de trechos (imagens, boxes, infográficos, textos etc.) que abordam temas como as culturas jovens e a participação política juvenil ao longo dos anos. Os resultados desta pesquisa foram estabelecidos através da análise qualitativa das edições e da revisão bibliográfica sobre a sociologia e a história dos livros didáticos. Com isso, conclui-se que as narrativas sobre a história das juventudes presentes nos livros didáticos carregam concepções específicas sobre a condição jovem, suas temporalidades e seus contextos, trazendo consigo o “discurso do protagonismo juvenil”. Assim, os livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD 2021 criam condições próprias para a escrita da história a partir dos princípios estabelecidos pelas reformas neoliberais na educação – em especial, o “Novo Ensino Médio”.

Palavras-chave:

historiografia didática; culturas juvenis; protagonismo juvenil; materiais didáticos; cultura escolar

1. INTRODUÇÃO

Muitas vezes, a juventude é definida apenas por critérios etários e demográficos, variando, segundo a literatura, entre as idades de 15-21 anos, 10-24 anos ou 14-19 anos. Entretanto, Groppo (2000) argumenta que a juventude é uma criação simbólica, isto é, uma concepção social, uma vez que a experiência de ser jovem é heterogênea e varia historicamente. Em razão disso, faz-se necessária a reinvenção do conceito de condição juvenil. Esse movimento é feito por Velho (2006) ao argumentar sobre a necessidade de adotar o termo no plural – *juventudes* –, de modo a englobar a pluralidade dessa construção social, cultural e histórica.

A partir dessa abordagem, a história das juventudes é um dos temas presentes nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2021. As 14 coleções selecionadas por esse programa estatal de distribuição de livros didáticos tratam de maneira frequente de diferentes contextos em que os/as jovens são agentes históricos, o que representa uma novidade em relação às edições anteriores do PNLD. Em conjunto, esse material compõe uma escrita da história sobre as juventudes particular dos ambientes escolares, isto é, uma *historiografia didática* (Oriá, 1996). Diante disso, esta pesquisa busca responder: quais jovens e quais contextos de atuação juvenil são apresentados

¹ Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: joao.so@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: aline.barros@alunos.ifsuldeminas.edu.br

³ Bolsista PIBIC-EM/CNPq, IFSULDEMINAS – Campus Três Corações. E-mail: mirelli.gabriele@alunos.ifsuldeminas.edu.br

⁴ Orientador, Centro Pedagógico – UFMG. E-mail: amatogabriel@ufmg.br

pelos livros didáticos do PNLD 2021?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse trabalho é fundamentado na ampla bibliografia acadêmica existente sobre os livros didáticos, composta pelas análises de diversos autores sobre seus conteúdos textuais e ilustrações, a fim de identificar quais são as narrativas presentes neles e os seus possíveis usos no ambiente escolar. Nesse sentido, as informações referentes à história da juventude contidas nos livros didáticos de CHSA aprovados pelo PNLD 2021 são abordados a partir das perspectivas de que essas obras são objetos carregados de manipulação e de reprodução dos ideais e valores das classes dominantes (Abud, Katia Maria, 1984), juntamente da sua construção iconográfica, que além de possuir a função de facilitar a memorização de seus conteúdos, também transmitem estereótipos e generalizam temas como jovens, família e etnia de acordo com os preceitos da sociedade (Bittencourt, Circe, 1997). Entretanto, não foi desconsiderado que o livro didático assume diversos papéis em meio ao processo de aprendizagem, visto que ele pode adquirir significados diversos em contextos específicos, sendo, assim, os seus discursos suscetíveis a diferentes interpretações e aplicações (Chaves, Edilson Aparecido; Garcia, Tânia Maria F. Braga, 2014).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa, a partir da análise de conteúdo de trechos selecionados de livros didáticos aprovados pelo PNLD 2021 voltados ao Ensino Médio e à área de CHSA. O *corpus* foi composto por dois excertos extraídos das seguintes obras: *Convívio democrático* (Coleção “Diálogo em Ciências Humanas”, editora Ática) e *Política e ética em ação: Cidadania e democracia* (Coleção “Ciências Humanas”, editora Prisma).

A escolha desses trechos resultou de uma triagem realizada com base em um banco de dados previamente organizado por uma equipe de iniciação científica vinculada ao mesmo projeto, sob coordenação do professor orientador. Este banco inclui registros sistematizados sobre todas as coleções aprovadas pelo PNLD 2021, além de reflexões extraídas de aulas gravadas, debates temáticos e fichamentos realizados sobre juventude, cultura escolar, protagonismo juvenil e representações históricas nos livros didáticos. Ademais, o critério de seleção priorizou trechos que apresentassem os jovens como sujeitos históricos, com destaque para termos como juventude, protagonismo juvenil e jovens. A presença de imagens representando jovens em manifestações ou contextos sociais também foi um aspecto decisivo na escolha dos mesmos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa se propõe a analisar trechos de duas coleções didáticas aprovadas no PNLD

2021 que trazem consigo narrativas sobre os/as jovens ao longo da história.

Da ditadura à democracia: a atuação dos intelectuais e dos jovens

Os anos rebeldes da década de 1960

Na segunda metade do século XX, houve o avanço de uma cultura juvenil significativamente forte, que passou a se reconhecer como agente social independente. Esse fato apontou uma mudança na relação entre as gerações, sobretudo nos países desenvolvidos e, num segundo momento, nas classes alta e média urbana de países em desenvolvimento.

Essa juventude do pós-guerra foi simbolizada, em especial nos Estados Unidos, pela figura do personagem que vive intensamente e morre jovem, consagrada nos anos 1950 pelo astro de cinema James Dean (1931-1955) e depois nos anos 1960 por ícones da música, como Javis, Joplin (1943-1970), Jimi Hendrix (1942-1970) e Jim Morrison (1943-1971).

A contestação era sua principal marca. Para os rapazes e as moças criados em uma era de pleno emprego, era muito difícil compreender a angústia dos pais após a crise de 1929, pois, para eles, o emprego era algo que se podia conseguir ou abandonar a qualquer momento, o que era inconcebível para a geração anterior, que tentava os jovens de rebeldes sem causa, associando-os à **contracultura**.

No canto oeste dos Estados Unidos, surgiu o movimento hippie, formado por jovens que pregavam o pacifismo, o amor livre e a liberdade sexual, o respeito à natureza e uma vida mais simples, em oposição ao consumismo, caracterizando-se também por uma estética psicodélica. As mudanças ocorreram também no vestuário. Até então, mesmo crianças e adolescentes usavam calça e camisa social. Agora apareciam as calças jeans, desbotadas e rasgadas, que se tornaram um símbolo de contestação, as roupas coloridas e com inspirações étnicas e as minissaias.



Sober



Woodstock, 3 dias de paz, amor e música
Direção: Michael Walbridge, Estados Unidos, 1970.

Documentário sobre Woodstock, festival realizado nos Estados Unidos, que se tornou um marco da contracultura.

Contracultura: movimento de rebeldia e contestação que nasceu como consequência da cultura dominante da época, caracterizada por uma moral, predominantemente conservadora, baseada na ideia de uma vida mais simples e pacífica.

A esquerda manifestou-se em protestos contra a Guerra do Vietnã (1955-1975), em Boston (Estados Unidos), 1968, e em Seattle (Estados Unidos), 1969, e em Nova York (Estados Unidos), 1969, em oposição ao envolvimento dos Estados Unidos na guerra. Desde o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tornou-se evidente para a nova geração que a realidade americana, por formar bem mais confortáveis e a maioria parte da população, não tinha. Essa nova geração passou a questionar por sua, enquanto os mais velhos focaram pacificamente os jovens tentaram de lutar e ganhar a vida em conflitos armados. Contra a Guerra do Vietnã, lançaram-se milhares de jovens. "Paz e amor, não faça guerra".

O jovem e a participação política

Ao longo do século XX, os jovens se tornaram uma força política importante, organizando ações variadas para influenciar governos e promover transformações sociais.

Na década de 1960, por exemplo, uma onda de protestos de estudantes na França mobilizou milhões de pessoas no movimento chamado **Maio de 1968**. Defendendo mudanças radicais nas estruturas da sociedade da época, os jovens tomaram as ruas de Paris e de outras cidades francesas.

As manifestações estudantis estimularam os trabalhadores franceses a iniciar uma série de greves por melhores condições de vida. Os protestos paralisaram a França durante dois meses e inspiraram jovens de diversas partes do mundo a lutar por mudanças sociais.

Muitos artistas aderiram ao movimento por meio da criação de canções, peças teatrais, filmes e outras obras de arte que defendiam novos valores sociais e combatiam o machismo, o racismo e outras espécies de preconceito e desigualdade. Produções artísticas também são uma forma de participação política.

Outro exemplo de participação política organizada por jovens ocorreu no Brasil no início dos anos 1960. Milhares de estudantes organizaram o movimento das **casas pintadas** para exigir a renúncia do então presidente Fernando Collor de Mello, acusado de envolvimento em esquemas de corrupção. Collor acabou sofrendo um processo de impeachment que resultou na cassação de seus direitos políticos em 1992.

Esses dois exemplos demonstram a influência dos jovens na política do século XX e sua ativa participação na sociedade em diversas partes do mundo. No século XXI, a internet tem servido de plataforma para a articulação de novos movimentos juvenis.

Estudantes e trabalhadores participaram de manifestações em Paris (França), em maio de 1968.



Imagem 01: VICENTINO, Cláudio *et al.* *Convívio democrático*. Coleção “Diálogo em Ciências Humanas”. Brasil: Ática, 2021, p. 153.

Imagem 02: RAMA, Angela *et al.* *Política e ética em ação: Cidadania e democracia*. Coleção “Ciências Humanas”. Brasil: Prisma, 2021, p. 104.

O primeiro trecho (imagem 01) consiste no subtópico “Os anos rebeldes da década de 1960”, presente no livro didático *Convívio democrático* da coleção “Diálogo em Ciências Humanas”, da editora Ática. No texto, é apresentada uma cultura juvenil que existia nos países do norte-global nos anos de 1960. A juventude é definida pelo livro didático como sendo “marcada pela contestação”. A seção reflete a historicidade do final da Segunda Guerra Mundial e como os movimentos sociais, a exemplo do movimento hippie, foram sendo construídos através de um ideal de juventude. No final da página analisada, há a presença de 2 imagens: a fotografia à direita, que apresenta um protesto contra a Guerra do Vietnã em Boston, e a fotografia à esquerda, um retrato que apresenta a cantora Joan Baez cantando em comemoração ao fim da guerra.

O segundo trecho (imagem 02) é o tópico “Os jovens e a participação política” do livro *Política e ética em ação: Cidadania e democracia*, da coleção “Ciências Humanas” da editora Prisma. No texto, são apresentadas as “participações políticas da juventude”, usando como exemplos o movimento denominado Maio de 1968, em que jovens protestaram em Paris e outras cidades francesas contra o governo do Charles de Gaulle, e o movimento “caras pintadas”, ocorrido no final do século XX no Brasil e que se dirigia contra as ações políticas do então presidente Fernando Collor de Mello. No final da seção, há uma imagem que apresenta estudantes e trabalhadores jovens participando de um protesto do movimento francês.

Os excertos apresentados compõem uma visão particular sobre as juventudes, trazendo consigo o discurso que Souza (2009) define como “protagonismo juvenil”. Essa forma de compreender a juventude, surgida nos anos 1990, apresenta os jovens como atores sociais, inseridos em uma malha – quase teatral – de sujeitos que atuam de forma individual. Esse pensamento

manifesta-se como se fosse uma expressão natural das juventudes, ocultando o fato de que ela é uma construção discursiva. Dessa forma, o “discurso do protagonismo juvenil” homogeneiza as historicidades e particularidades das condições juvenis, uma vez que tenta abarcar diferentes tempos históricos em um mesmo conceito. Ademais, a composição, presente nos trechos do PNLD 2021, traz visões e interpretações próprias acerca das culturas juvenis, suas temporalidades e contextos, trazendo seções pautadas nas movimentações políticas das juventudes, mas que, na realidade, carregam em seu discurso o individualismo neoliberal do protagonismo juvenil. Em razão disso, tais paradigmas compõem uma historiografia das juventudes específica dessa edição do PNLD.

5. CONCLUSÃO

Os livros didáticos de CHSA do PNLD 2021, portanto, apresentam manifestações conceituais próprias sobre as condições juvenis e, com isso, mobilizam as historicidades das juventudes de maneira distinta em relação a obras de outros gêneros e até mesmo a edições anteriores do próprio Programa Nacional do Livro Didático. Assim, esse material didático contribui para a construção de novas formas de narrar e compor as histórias das culturas juvenis, ainda que sustentadas por debates pré-existentes, como o “discurso do protagonismo juvenil”.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. O livro didático e a popularização do saber histórico. In: SILVA, Marcos (org.). *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- CHAVES, Edilson Aparecido e GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Avaliação de livros de História por alunos do ensino médio. *Espaço pedagógico*, v. 21, n. 2, p. 336-357, jul./dez. 2014.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- ORIÁ, Ricardo. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações. *Textos de História*, vol. 4, nº 2, 1996, p. 154-165.
- SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, nº1, vol. 1, 2009, p. 1-28.
- VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de e Eugenio, Fernanda (org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.